

## O Ser na Psicanálise Existencial

*Paulo Roberto de Oliveira\**

**Resumo:** Pretendemos abordar a questão do ser, pois, entendemos que a reflexão sobre o humanismo ou pós-humanismo passa por uma análise ontológica. O ser é o conceito central da metafísica. Designa “tudo quanto é” ou o que está sendo, algo, portanto que está para além de todas as categorias e só pode ser pensado de forma analógica. É mais abstrato de todos porque a tudo se estende, mas é simultaneamente o mais concreto porque tudo inclui. Todavia, tal predicado ontológico não é mais conceituado como outrora. A partir do criticismo kantiano e do método fenomenológico utilizado pelo nosso autor em estudo Jean Paul Sartre, o ser tornou-se mais compreensível pela existência humana, pois, o ser do homem encontra-se em aberto.

Diante desse horizonte iremos refletir sobre o modo como a psicanálise empírica e a psicanálise existencial articulam o ser do homem a partir da filosofia existencial sartreana. Enquanto a psicanálise empírica de Freud e outros psicanalistas afirmam a substancialização da consciência pelos fins perseguidos através do desejo, Sartre pretende inaugurar um novo método de análise desses atos a partir da psicanálise existencial.

Todo ato humano por mais simples que seja, revela um projeto completo e original. A princípio todo ato e busca se fundamentam na constituição do ser do homem como ser-para-si. Segundo Sartre “O para si surge como nadificação do em-si, e tal nadificação se define como projeto rumo ao em-si: entre o em-si nadificado e o em-si projetado, o para-si é nada. Assim, o objetivo e o fim da nadificação que eu sou é o em-si. Logo a realidade humana é desejo de ser em-si”. A psicanálise existencial juntamente com o existencialismo deixa de lado o otimismo humanista e volta-se para um realismo psicanalítico, isto é, afirmar o homem em sua finitude a partir das suas revelações psíquicas, sobretudo através do sofrimento.

No campo da ética, Sartre afirma um novo humanismo que se configura a partir da liberdade e da responsabilidade. Porém, tudo depende da boa vontade humana e toda ação está condenada ao fracasso: “O homem é uma paixão inútil”.

**Palavras Chave: Ser, Nada, Liberdade**

---

\* Mestre em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor e Pesquisador da UEMG/Diamantina. Professor do Instituto de Filosofia e Teologia do Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus. email: paulus.sofia@hotmail.com

## **Introdução**

A situação do homem no mundo é por vezes marcada pela contradição. Se por um lado a exterioridade da existência e da vida nos aponta para uma essencialidade, isto é um sentido, por outro lado a interioridade nos indaga sobre a condição humana. Neste sentido, o pensamento ocidental oscila entre a realidade da existência e as “imagens” metafísicas de homem, mundo e ser. Esse ideal metafísico é por vezes um referencial que determina toda uma vida, busca-se um sentido para o ser que possa tornar a vida humana mais “doce”, porém, “as pessoas morrem e não alcançaram a felicidade”.

No texto a seguir, articulamos três estudos sobre a consciência – levando em conta que a consciência é um princípio relevante e preponderante para o estudo filosófico sobre o ser.

De acordo com nossas pesquisas, a consciência foi interpretada e conceituada pela metafísica clássica, psicologia empírica e ainda pela psicanálise existencial, sendo essa última uma nova compreensão ontológica.

O homem da metafísica clássica é capaz de compreender a si mesmo devido à sua própria estrutura, pois, a certeza do cogito e da existência é muito forte. Na psicologia empírica e na psicanálise existencial a consciência torna-se um problema muito sério, pois, na primeira concepção temos a ideia do inconsciente e na segunda concepção o princípio da irreduzibilidade que torna difícil uma análise da mente humana.

Essa dificuldade torna evidente o problema fundamental que é o próprio sentido do ser, ou a falta de ser, que leva o homem a buscar aquilo que lhe falta.

Neste sentido, nossa pretensão é mostrar a radicalidade da concepção do ser na psicanálise existencial.

### **1- A Consciência na Metafísica Clássica**

Para a corrente existencialista, o problema do ser na filosofia clássica revela uma questão antropológica emergente, isto é, a consciência como sendo “povoada” por uma natureza humana. Desse modo, há toda uma segurança no sentido do ser, pois, além de conceituado, o homem possui um horizonte de sentido pleno, no que chamamos de natureza humana.

Podemos encontrar, por exemplo, em Aristóteles uma substancialização da consciência a partir da lógica do ser. Esse processo é seguido pelas categorias metafísicas que estão presentes em todos os seres:

A substância é o objeto de nossa pesquisa, pois os princípios e as causas que buscamos são os das substâncias. Se consideramos o universo como um todo, a substância é a sua parte primeira; e, se o encaramos como uma simples sucessão, também deste ponto de vista a substância vem em primeiro lugar, seguida pela qualidade e esta pela quantidade (ARISTÓTELES, 1969, p.249).

Essas substâncias são de três espécies, duas são sensíveis e uma é imóvel. A partir da segunda começamos um pensamento teológico que justifica todo o sistema metafísico do mundo, isto é, o movimento dos seres revela um movente que estabelece um princípio lógico universal.

O que nos chama atenção na filosofia aristotélica é a relação da natureza humana com a divina: o pensamento. Inclusive, na ética, a maior virtude é a sabedoria que coloca o homem em uma situação privilegiada. Portanto, a consciência é plena desse Eu lógico. Dessa forma, o *animal rationale* (*zoôn logikón*) está desde os gregos na tradição do pensamento ocidental e encontra sua máxima expressão na filosofia do sujeito de Hegel.

Embora o tema da consciência possa ser discutido mais preeminente pelos modernos, existe uma certeza de si na metafísica clássica, tal tese revela o lugar das coisas no mundo e um *télos*:

Devemos examinar igualmente como o universo encerra o bem e o supremo bem – se como algo separado que existe por si mesmo, ou como a ordem das partes provavelmente de ambas as maneiras, como um exército. Com efeito, o bem de um exército reside tanto na sua ordem como no seu comandante, e mais neste que naquela; pois o comandante não depende da ordem, mas a ordem depende dele. Tudo tem o seu lugar marcado no mundo – peixes, aves, plantas – mas nem tudo do mesmo modo. O mundo não é feito de tal maneira que os seres estejam isolados uns dos outros; há entre eles uma relação mútua em vista de um só fim (ARISTÓTELES, 1069, p. 265).

Percebe-se que Aristóteles insiste na ideia de uma orientação para um tipo, uma ordem, um destino. Assim, quando Aristóteles diz<sup>1</sup> que a natureza dos corpos leves é subir, uma ideia de destino qualitativo está vinculada à Natureza. O movimento no espaço (ascensão) é secundário. O que conta é o parentesco entre o corpo leve e o alto, enquanto região qualitativamente definida. A natureza total é dividida assim em regiões

---

<sup>1</sup> Alusão ao tratado Do Céu, IV, 308 a 15 ss.: “ Por sua própria natureza, certas coisas encaminham-se invariavelmente para longe do centro e outras dirigem-se invariavelmente para ele. Do que se distancia do centro digo que se encaminha para o alto, e do que se dirige para o centro digo que se encaminha para baixo... Assim, pois, entendemos por leve absoluto o que se dirige para o alto”

qualitativamente definidas, lugares de certos fenômenos naturais (fenômenos sublunares); ela é a realização, mais ou menos bem-sucedida, desse destino qualitativo dos corpos.

A consciência além de ser o lugar da ontologia, é também a morada do Eu e do sujeito cognoscente, isto é, o campo do cogito. Desse modo, é onde reside a verdade, tanto para empiristas quanto para racionalistas. Em Platão, o objetivo filosófico é produzir um discurso universal que possa desvelar o ser, tendo como meta a realização plena da razão – não podemos ainda afirmar uma subjetividade absoluta.

A consciência na filosofia antiga é a certeza de si e do mundo enquanto verdade. Não há lugar para os simulacros e imagens, inclusive, a luta contra os sofistas é busca pela supremacia da realidade em contraposição com as aparências.

Por outro lado, talvez por uma introdução da questão lingüística discursiva, os estoícos afirmam a total abstração das coisas. Isso significa que os universais, as essências, as Ideias, não existem. Está instaurado o nominalismo.

A questão da subjetividade que instiga os modernos tem sua origem nessa problemática sobre a incerteza quanto à realidade do mundo objetivo. Inclusive o cogito cartesiano está inserido nessa aporia. Esse cogito não estabelece de forma plena a realidade do *Ego*, como se fez na psicologia moderna. Essa situação é intrigante no desenvolvimento dessa pesquisa, pois, a consciência em Descartes habita o Eu Penso, uma realidade conceitual cognitiva. Deixa de lado elementos que serão caros no desenvolvimento da psicanálise freudiana.

A questão é que mesmo com esse princípio subjetivo não se exauriu a incerteza sobre a existência da verdade, pois, a subjetividade está ameaçada por um solipsismo irremediável. Para tanto, Descartes cria todo um sistema de ideias e princípios para garantir a verdade sobre o mundo. É interessante observarmos que a verdade sobre si já está esclarecida, agora, a subjetividade não pode exprimir nada sobre a realidade do mundo. O mais importante ainda é constatar que Descartes está direcionando seu discurso para uma natureza humana, pois, o cogito é universal e portanto não podemos falar de sujeito, embora, temos uma subjetividade:

Pode soar paradoxal a afirmação de que o “Penso, logo sou” assinala a emergência da subjetividade mas não a do sujeito, pois estamos acostumados a referir a subjetividade a um sujeito. Mas o fato é que, se a história da filosofia vê no cogito o fundamento reflexivo do pensamento sobre o homem, esse homem só está presente nesse momento como gênero ou como espécie. Em seguida à afirmação do Eu penso, Descartes se apressa em elidir esse eu e em retirar da subjetividade, do penso, toda concretude individual. Não é o homem concreto que Descartes nos fala, mas de uma natureza humana, de uma essência universal (GARCIA, 2009, p. 14).

Portanto, temos em Descartes a afirmação de uma consciência universal, não a singularidade do sujeito. Como já afirmamos, existe uma ameaça do cogito que faz com que seja necessário a existência de um outro cogito que seja superior:

Em Descartes, o penso é ameaçado pelo eu. Na medida em que a subjetividade permaneça ligada a um sujeito individual, ela é ameaçada pelo solipsismo. Só Deus é garantia para o nós, para a intersubjetividade, e a razão é a grande mediadora entre as várias subjetividades (GARCIA, 2009, p. 15).

A subjetividade moderna tem seu apogeu na genialidade de Hegel. A afirmação sobre a racionalidade do real é a demonstração da consciência em seu estado puro e absoluto, na qual todas as instituições humanas são revelações dessa consciência absoluta. A razão em Hegel é também desejo, pois, esse é que constitui o Eu, a individualidade. Porém, o espírito absoluto é além do para-si, é um para-outro, isto é, reconhecimento. Esse processo se dá mediante o sistema simbólico, é através da linguagem que podemos falar de uma totalização humana e histórica.

A consciência de si ou autoconsciência é formada pela consciência do outro, ou seja, para que a individualidade possa ser sujeito de fato, é preciso que perpassa pela coletividade. De modo geral, toda verdade objetiva deve ultrapassar a certeza objetiva através de um movimento simbólico, é o Saber Absoluto:

Essa última figura do espírito – o espírito que ao mesmo tempo dá ao seu conteúdo perfeito e verdadeiro a forma do Si, e por isso tanto realiza seu conceito quanto permanece em seu conceito nessa realização – é o saber absoluto. O saber absoluto é o espírito que se sabe em figura-de-espírito, ou seja: é o saber conceituante. A verdade não é só em si perfeitamente igual à certeza, mas tem também a figura da certeza de si mesmo: ou seja, é no seu ser-aí, quer dizer, para o espírito que sabe, na forma do saber de si mesmo. A verdade é o conteúdo que na religião é ainda desigual à sua certeza. Ora, essa igualdade consiste em que o conteúdo recebeu a figura do Si. Por isso, o que é a essência mesma, a saber, o conceito, se converteu no elemento do ser-aí, ou na forma da objetividade para a consciência. O espírito, manifestando-se à consciência nesse elemento, ou, o que é o mesmo, produzido por ela nesse elemento, é a ciência. (HEGEL, 2007, p. 537).

A citação acima mostra de forma clara o que designamos como certeza de si e verdade. Como em Aristóteles a religião é por vezes um sistema onde não há uma certeza evidente e por isso a consciência necessita de dar um passo além das realidades míticas.

Portanto, demonstramos que a metafísica clássica e por consequência as correntes modernas nos atestam uma verdade única: a consciência humana tem em seu bojo a sua natureza. O Eu é aqui estabelecido não como principio de identidade, mas como um constituidor da realidade. A reflexão sobre o ser nos leva à pensar o homem em seu *ethos* articulado por uma autoconfiança que se manifesta na razão. Porém, como veremos, a

antropologia manifestada pela psicologia moderna, coloca essa morada segura em cheque, pois, revela o verdadeiro lugar do homem ou do Eu: o inconsciente.

## **2- O problema da (in) consciência na psicologia empírica**

O tema do descentramento do sujeito proposto pela modernidade possui suas raízes antropológicas nos métodos científicos que conceituaram o homem sem referências ontológicas. O ser na psicologia empírica é sem dúvida empírico e contingente em suas formas. Nossa temática tem como fundo a ideia de ser a partir da consciência de ser, isto é, a possibilidade de ser e, portanto buscar sentido para esse ser é um problema fenomenológico da própria consciência.

A psicologia moderna, assim como a biologia de Darwin, é a demonstração empírica do homem no mundo e na vida. Podemos também considerar a física de Galileu e Newton que descentralizaram todo o sistema terrestre, significando uma revolução na ordem das coisas. Neste sentido, deve-se esclarecer que esses estudos científicos que colocam em cheque o ser humano não significam um anti-humanismo, mas, a crise antropocêntrica que logo será também logocêntrica.

A psicologia como ciência autônoma foi fundada por Willhelm Wundt (1832-1920). Contudo, seus métodos eram psicofisiológicos e atentava para o comportamento humano de forma exterior e consciente. Com Sigmund Freud, a psicologia possui perspectivas psicanalíticas que descentralizaram o sujeito para o inconsciente<sup>2</sup>. O consciente e o inconsciente são agora problemas psicanalíticos, não são apenas questões cognitivas. O inconsciente ainda é para a filosofia algo quase absurdo e inconcebível, pois, afirma algo que ultrapassa os limites da lógica da razão:

Para muitas pessoas que foram educadas na filosofia, a ideia de algo psíquico que não seja também consciente é tão inconcebível que lhes parece absurda e refutável simplesmente pela lógica. Acredito que isso se deve apenas a nunca terem estudado os fenômenos pertinentes da hipnose e dos sonhos, os quais – inteiramente à parte das manifestações patológicas – tornam necessária esta visão. A sua psicologia da consciência é incapaz de solucionar os problemas do sonho e da hipnose (FREUD, 1969, p. 27).

Lembremos que a psicologia de Aristóteles tem como objeto a lógica e os princípios da razão. Em Descartes o problema patológico é uma questão moral ou por

---

<sup>2</sup> Segundo Derrida os conceitos de Ego, consciência e sujeito foram considerados problemáticos pelos métodos modernos; o Eu pela individualidade, a consciência pela psicanálise e o sujeito pelo transcendentalismo. Desse modo, resta o conceito de pessoa.

restrições de um método ineficaz, ou seja, o pensamento se torna “doente” pela falta de um método seguro e eficaz, que possa tornar o conhecimento claro e distinto.

Assim, a psicanálise considera até mesmo a complexidade do estado consciente, pois, ter consciência de alguma coisa é sempre algo transitório. Por exemplo: tenho consciência neste momento de um determinado fato ou objeto, mas essa consciência poderá não mais existir daqui a alguns instantes. Desse modo, aquilo que era inconsciente poderá tornar-se consciente, pois, estava latente. Esse movimento da consciência e inconsciência é a própria vida psíquica do sujeito – o inconsciente revela nossa “natureza”.

Na psicanálise a formação do sujeito ou do eu é mais problemática do que imaginamos. Passamos da certeza do cogito cartesiano para um simulacro escuro do cogito freudiano. Em Descartes o ser do homem está no cogito, existe uma certeza daquilo que sou; na psicanálise, podemos afirmar como Lacan: “Penso onde não sou, portanto sou onde não me penso”. O sujeito agora não habita somente a região da consciência, mas, está também presente naquilo que é oculto. Quando refletíamos sobre o problema da verdade em Platão, falávamos sobre as imagens e simulacros que são contrárias à realidade; na psicanálise a consciência pode ser o lugar das imagens e simulacros do próprio Eu, pois, a realidade pode estar oculta. Essas realidades ocultas, Freud chama de ideias.

O princípio da psicologia freudiana requer cuidados conceituais, pois, a tese do inconsciente trouxe uma reviravolta nos conceitos de Ego, Eu e Sujeito: “Não podemos mais identificar a história do Eu com a história do sujeito; sujeito e eu não são termos que se recobrem. Tampouco se recobrem o Eu, objeto da psicologia e identificado com a totalidade da pessoa, e o Ego, conceito psicanalítico” (GARCIA, 2009, p. 196).

A questão do Ego é intrigante, pois, assume a totalidade da vida humana em estados de consciência e inconsciência. Ao mesmo tempo em que o ser é previsível pelas forças que atuam sobre ele, existe uma imprevisibilidade irreduzível – sobre isso iremos tratar na terceira parte. O Eu e o Sujeito possuem uma dependência do Ego, pois é ele que está na estrutura psíquica, desse modo, a separação conceitual é evidente:

Uma das preocupações de Freud no projeto de 1895 é mostrar que o ego do qual ele está falando não é um sujeito; e não o é qualquer que seja o sentido que queiramos atribuir ao termo “sujeito”: seja sujeito entendido como sujeito perceptivo, como consciência ou como sujeito do desejo. O ego, no projeto, é uma formação do sistema  $\Psi$ , cuja função é dificultar as passagens de Q (energia investida nos neurônios) que originalmente foram acompanhadas de satisfação ou de dor (GARCIA, 2009, p. 196).

Portanto, o Ego é um princípio de realidade e de satisfação, isto é, busca-se uma realização. Desse modo, a relação entre o ID e o Superego está no princípio do não sofrimento. Mas, o Ego não surge completo, ele precisa ser desenvolvido. O Ego como consciência está em contato com o id (inconsciente) e a realidade, busca sua realização neste contato:

O ego encontra-se, portanto, em contato com dois mundos. Pela sua posição em face do sistema perceptivo, ele é o responsável pelo “teste de realidade” e pelo controle da motilidade; pela sua relação com o id, ele funciona como mediador entre esse último e o mundo externo, isto é, procura atender às exigências do id com o mínimo de conflito com a realidade e com o superego. De qualquer maneira, o ego permanece dependente do id, pois é do id que ele retira a libido necessária à sua própria manutenção (GARCIA, 2009, p. 208).

Por estar em contato com o id, o ego não é somente consciente. Freud afirma que o narcisismo consiste na libido do próprio ego, baseado em pulsões e pelo princípio do prazer. A libido objetual tem como motivação a auto-conservação e se fundamenta no princípio da realidade. A idealização feita pelo ego é de fundamental importância na discussão sobre a estrutura da psicanálise existencial. Embora em uma visão psicanalítica a idealização do ego possa ser uma forma de controle do id, a psicanálise existencial busca um irredutível ainda maior.

O que nos importa na psicologia empírica é a ideia do ser em sua forma pura e contingente. Neste sentido, os princípios metafísicos clássicos são uma forma de idealização do ego, visando um ideal: “a civilização”. Contudo, existe um princípio que está presente na psicologia empírica: a substancialização da consciência, pois, a psicologia empírica ao definir o homem pelos seus desejos possui uma visão clássica sobre o ser, expressa assim uma natureza humana.

Esse caminho percorrido até agora é um ensaio demonstrativo da verdadeira natureza ou essência humana: não ter natureza. Logicamente que a história do pensamento ocidental nos levaria a pensar o homem a partir de uma estrutura ontológica que pudesse ter sentido diante da existência.

### **3- A Estrutura da Consciência e o problema do Ser na Psicanálise Existencial**

A questão do Ser na filosofia sartreana é emblemática, pois, envolve uma estrutura psíquica, na qual, Sartre denomina psicanálise existencial. Desse modo, revela-se uma análise psicológica do existente. O comportamento humano era até então estudado pela psicanálise freudiana, por uma estrutura empírica. Jean Paul Sartre procura uma psicanálise



que possa ter como princípio a existência humana em sua forma fenomenológica e, portanto ontológica.

Em “O Ser e o Nada”, a psicanálise existencial está situada nas categorias do ser-para-si, na qual, a tese sobre a liberdade como única natureza humana é estruturada a partir da ideia da condição finita do homem.

O projeto sartreano tem grande fundamento fenomenológico, em suas obras, percebe-se a grande influência do pensamento de Husserl. O ponto central é a afirmação da não substancialização da consciência. No que se refere à psicologia empírica, o maior problema está no atomismo do desejo:

Mas, se desejo uma moradia, um copo d'água, um corpo de mulher, de que modo esse corpo, esse copo, esse imóvel poderiam residir em meu desejo, e de que modo meu desejo poderia ser outra coisa que não a consciência desses objetos como desejáveis? Portanto, evitemos considerar tais desejos como pequenas entidades psíquicas habitando a consciência: constituem a consciência mesmo em sua estrutura original projetiva e transcendente, na medida em que a consciência é, por princípio, consciência de alguma coisa (SARTRE, 1997, p. 682).

O problema maior segundo Sartre é a falsa irreducibilidade dos fatos psíquicos, para a psicologia empírica o que define o homem são as tendências que a observação poderá diagnosticar e “naturalmente, o psicólogo nem sempre se limitará a efetuar a soma dessas tendências: ele se compraz em esclarecer seus parentescos, concordâncias e harmonias” (SARTRE, 1997, p. 683). Neste caso, as atitudes humanas são reduzidas à abstrações sempre universais que reduzem a estrutura psíquica do sujeito, através de combinações nem sempre corretas.

O importante da psicanálise existencial é buscar o fundamento ontológico das ações e personalidades humanas, essa tarefa não foi bem efetuada pela psicologia empírica:

As transições, os vir-a-ser, as transformações, foram cuidadosamente escondidos de nós, e ficamos limitados a colocar em ordem esta sucessão invocando seqüência empiricamente constatadas (necessidade de agir, que, no adolescente, antecede a necessidade de escrever), mas que, literalmente, são ininteligíveis (SARTRE, 1997, p. 684).

Além disso, a compreensão existencial do homem revela que a consciência nunca poderá ser um objeto estático, onde poderíamos considerar algumas propriedades de um determinado ente. Esse irreducível é por vezes não substancial, mas um absoluto existencial: “A unificação irreducível que devemos encontrar, unificação que é Flaubert e que pedimos aos biógrafos para nos revelar, é, portanto, a unificação de um projeto original, unificação que deve revelar-se a nós como um absoluto não substancial” (SARTRE, 1997, p. 687).

As categorias das ações engendradas pela psicanálise existencial buscam uma categorização das ações humanas, mas, todas elas têm um princípio em comum: a falta de ser, como falta de sentido. Desse modo, a psicanálise existencial tem como princípio original o desejo de ser, pois é esse desejo que irá revelar as posteriores personalidades e comportamentos do ser.

Essa ideia é decorrente da fenomenologia da consciência, na qual, a consciência não é uma coisa, mas algo que posiciona os objetos mundanos. Na obra “A transcendência do Ego”, considerada a primeira obra filosófica de Sartre, encontramos claramente o método fenomenológico. O ego como forma subjetiva que nasce da reflexão, necessita de uma elucidação acerca de sua constituição, essa constituição do ego feita por Sartre ultrapassa a noção egológica de Kant, Descartes, dos psicólogos e até mesmo de Husserl.

Portanto, o nada é um princípio metafísico na constituição da consciência em Sartre. Neste sentido a consciência sendo posicional, isto é, toda consciência é consciência de alguma coisa – princípio intencional – torna nítido a presença do nada no seio do ser. Dessa forma, a consciência é posicional frente aos objetos, o que faz dela uma abertura constituidora do mundo. Porém, esta consciência não pode colocar a si mesma como objeto de investigação, à maneira com que faz perante os objetos, o que significa que a consciência é não posicional em relação a si própria, resultando que o homem não pode pensar a si mesmo, caso contrário ele depara-se com o nada.

## **Conclusão**

Nossa investigação nos trouxe uma melhor articulação sobre a psicanálise existencial que pretende aprofundar-se nas questões existenciais. A princípio podemos perceber que a pessoa humana não pode viver sem sentido. Desse modo, no fundo, todas as investigações metafísicas tem como objetivo satisfazer de forma abstrata esse princípio humanista.

Porém, o estudo da consciência pelas psicanálises, nos mostra a natureza do *desejo* na realidade existencial. Desse modo, a psicanálise existencial tem como objetivo analisar os sentimentos existenciais: o tédio, a náusea e a angústia. Para a psicologia empírica, tais sentimentos se configuram com patologias, porém, são na corrente existencialista comportamentos normais do ser-para-si.

Em segundo lugar a psicanálise existencial tem como objetivo fazer às vezes da psicologia empírica, isto é, buscar os fundamentos das ações humanas. Contudo, deve-se criar um método, pois, uma análise existencial deverá partir do pressuposto de que qualquer ato, por menor que seja é revelador. Mas, todo ato não pode ser reduzido à conceitos arbitrários.

Se o fundamento das ações humanas for a nadificação da consciência, então a psicanálise existencial deverá analisar todos os casos a partir desse fundamento.

O ser da psicanálise existencial não manifesta um anti-humanismo, pelo contrário, é na liberdade que o homem se afirma. Inclusive, Jean Paul Sartre afirmou que o existencialismo é um humanismo, pois, tinha como meta tornar a vida humana possível.

### **Referências Bibliográficas**

ARISTÓTELES. *Metafísica, livro XII*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROZA, Garcia. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

SARTRE, Jean Paul. *O ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.